

SÃO TOMÁS  
EM POUCAS PALAVRAS



JEAN-PIERRE TORRELL

SÃO TOMÁS  
EM POUCAS PALAVRAS

Tradução  
Diogo Chiuso



QUADRANTE

São Paulo

2021

Título original  
*Saint Thomas en plus simple*

Copyright © Les Éditions du Cerf, 2019

Capa  
Bruno Ortega

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Torrell, Jean-Pierre

São Tomás em poucas palavras / Jean-Pierre Torrell; tradução  
Diogo Chiuso. – São Paulo : Quadrante Editora, 2021.

Título original: *Saint Thomas en plus simple*

ISBN: 978-65-86964-58-5

1. Tomás de Aquino, Santo, 1225?-1274 - Crítica e interpretação I. Título

21-59393

CDD 230.2092

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Teólogos católicos : Biografia e obra 230.2092

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados a  
QUADRANTE EDITORA  
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270  
CEP 01252-020 - São Paulo - SP  
[www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br) / [atendimento@quadrante.com.br](mailto:atendimento@quadrante.com.br)

## Sumário

Primeiros anos.....	9
Comentários sobre Isaías e sobre as <i>Sentenças</i> .....	23
O mestre nas Sagradas Escrituras.....	31
Um homem de combate.....	47
A <i>Suma contra os gentios</i> .....	59
A estadia em Orvieto (1261-1265).....	75
A <i>Suma teológica</i> .....	89
Segunda docência em Paris: confrontos doutrinários (1268-1272).....	107
Segunda docência em Paris: sobre São João e outros.....	121
Última docência em Nápoles (1272-1273).....	139
Nas fontes de um pensamento.....	159
Deus que ama o mundo.....	181
O que há de mais nobre no mundo.....	201



Se você comprou este livro por causa do título, provavelmente já tentou ler alguma coisa de São Tomás. Pode ter desistido diante de algum obstáculo imprevisto ou de sua linguagem assaz difícil e incomum. Todavia, essa primeira dificuldade não é intransponível: pelo menos você sabe quem é São Tomás de Aquino, já ouviu falar dele e deseja conhecê-lo melhor. Isso basta para que permaneça nessa disposição inicial que os filósofos designam como característica da pessoa humana: o desejo de conhecer. Sem essa vontade, este pequeno livro não terá qualquer utilidade. Com ela, porém, tudo é possível.

Certamente será necessário um pequeno esforço de sua parte – e espero que isto não o deixe desanimado. De todo modo, é possível apresentar o pensamento de Tomás de uma forma acessível a todos, e sem perder nada de sua riqueza, a partir da sua biografia. Então, descobrimos a pessoa por trás do autor, que teve uma vida muito mais agitada do que se imagina. Longe de permanecer enclausurado em seus livros, ele saiu pelas estradas da Europa por exigência do seu voto de obediência. Esteve diante de grandes conflitos de ideias e de situações que não havia escolhido, e desses confrontos surgiram algumas de suas obras mais conhecidas. Em várias ocasiões, viu-se na linha de frente dos debates que

marcaram sua existência. Pois, ainda que tenha escrito suas obras mais famosas de maneira muito reservada, durante anos ele foi imensamente solicitado por seus contemporâneos que queriam conhecer o que achava a respeito de uma grande variedade de temas.

Quanto à suposta dificuldade de ler seus textos, permita-me que lhe apresente alguns deles nesta leitura, a fim de descobrirmos que não são tão difíceis como se pensa.



# I

## **Primeiros anos**

Como muitos autores de destaque, Tomás de Aquino fica às vezes escondido por trás de seus livros. Isso é uma pena. Afinal, é perfeitamente possível, e talvez necessário, «ler» sua vida ao mesmo tempo que se lê sua obra. A vida lança luz sobre seus livros – não apenas sobre sua quantidade e escolhas, mas também sobre seu conteúdo. Não se deseja transformá-lo num santo desde o berço, mas é preciso ter em mente que até sua primeira infância é rica em ensinamentos a respeito de sua pessoa e pensamento.

**Roccasecca, Monte Cassino, Nápoles  
(entre 1226 e 1245)**

Tomemos um primeiro exemplo, retirado de seu histórico familiar. O que em algumas famílias seria ape-

nas um caso anedótico, na dele pode ganhar uma relevância surpreendente. Sabemos que Tomás é de origem italiana, que nasceu em Roccasecca, nos arredores da Abadia de Monte Cassino, um pouco ao norte de Nápoles, e que sua família era da baixa nobreza. Essa localização geográfica não é irrelevante se considerarmos que as terras de sua família estavam na fronteira que separava os estados papais, ao norte, daqueles de domínio do imperador, ao sul. Quase sempre, os interesses e amizades entravam em conflito. O exemplo mais trágico disso foi o de Renaud, segundo filho da família, que prestou obediência ao papa quando Inocêncio IV depôs o imperador Frederico II, em 1245, e depois foi condenado à morte quando Frederico recuperou o trono. Para parte da família, Renaud foi um mártir; para outra, que apoiava Frederico II, um traidor. É um pouco cedo para falar das conclusões que Tomás, com vinte anos à época, tirou desse episódio, mas não há dúvidas de que sua visão clarividente das relações entre o temporal e o espiritual – a qual o distingue entre todos os seus contemporâneos – tem raízes profundas nesse episódio.

Seu pai, Landolfo, e sua mãe, Teodora, tiveram nove filhos: cinco meninas – das quais uma morreu ainda criança – e quatro meninos. Como era costume à época, por ser o mais jovem Tomás tomaria o destino traçado pelos seus pais: seguiria função eclesiástica. Por serem vizinhos da Abadia de Monte Cassino, a criança foi oferecida como oblato, mas com a pretensão de, no futuro, vir a tornar-se abade.

De acordo com os documentos que possuímos, isso se deu entre os meses de julho de 1230 e maio de 1231. Tomás tinha então cinco ou seis anos e, como São Ben-

to, foi ao mosteiro acompanhado de sua ama. Lá, recebeu uma iniciação à vida religiosa beneditina, cujos vestígios podemos encontrar em sua obra. Sem ter se tornado monge propriamente dito (era apenas oblato, um simples religioso que desejava viver segundo a Regra de São Bento), parece ter conservado particular afeição ao mosteiro de sua infância, e de tal modo que, no final de sua vida, ao responder a uma consulta teológica do Abade de Monte Cassino, fez questão de apresentar sua carta como ato de um filho respeitoso, pronto à obediência de um pai muito querido. O necrológio da própria abadia faz menção a ele como «monge de Monte Cassino».

Tomás, no entanto, deixou a abadia na primavera de 1239. Somava treze ou catorze anos. Além da iniciação à vida beneditina, já tinha uma sólida educação de base. Para afirmá-lo, não são necessários detalhes muito precisos. Tampouco é preciso mencionar seu latim, pois a sequência de sua vida adolescente comprova sua instrução não somente quanto ao conhecimento das letras no sentido estrito da palavra, mas também quanto à qualidade do que aprendera. Seu conhecimento fora do comum a respeito de Gregório Magno e Cassiano, por exemplo, datava já desse período. Portanto, ele pôde ingressar imediatamente na Universidade de Nápoles, fundada quinze anos antes por Frederico II no intuito de formar os servidores necessários para o seu império. Naquela época, a Sicília e o Sul da Itália eram ambientes extremamente favoráveis à vida intelectual. Havia muito tempo, Miguel Escoto e sua equipe de tradutores já trabalhavam para trazer ao mundo latino os conhecimentos das ciências grega e árabe. A filosofia e a ciência

aristotélicas, a astronomia árabe e a medicina grega vinham florescendo em Palermo, Salerno e Nápoles.

Faz tempo que procuramos identificar os mestres de Tomás, mas reconhecemos que ainda não sabemos muito sobre eles. A única coisa de que temos certeza é que ele aproveitou bem os primeiros anos de estudo, e a sequência dos acontecimentos é suficiente para demonstrá-lo. Para ele, certamente o mais marcante dos acontecimentos foi seu encontro com a Ordem dos Padres Pregadores. Na verdade, havia um convento dominicano em Nápoles, fundado em 1231. Não era muito aceito por Frederico II, que achava as ordens mendicantes muito ligadas ao papa, e contava apenas com dois religiosos no convento. Foi por meio deles que Tomás descobriu o ideal de São Domingos, o qual viera adotar alguns anos mais tarde: vestiu o hábito em abril de 1244. Foi nesta ocasião que iniciou o episódio mais conhecido de sua juventude.

Seus familiares provavelmente não tinham desistido de suas ambições em relação à Abadia de Monte Cassino, e assim sua mãe foi encarregada de fazê-lo mudar de ideia. Ela, porém, chegou tarde: o filho já havia deixado Nápoles. Precavidos por uma experiência anterior, na qual tinham visto seu convento tomado após a admissão de um jovem nobre com pretensões exageradas, os frades dominicanos decidiram enviar Tomás para Roma. Ela tentou ir atrás dele, mas chegou tarde mais uma vez: o filho já havia partido dali para Bolonha, na companhia de outros frades que seguiam o superior da Ordem, que passava pela cidade. Longe de desistir, dona Teodora enviou uma mensagem urgente para os filhos que estavam nas fileiras de Frederico II: deveriam interceptar a

comitiva dominicana e trazer o irmão de volta para casa. Isso foi feito na primeira quinzena de maio, na região de Orvieto. No que diz respeito a essa rocambolesca perseguição, podemos pular alguns detalhes já narrados pelos biógrafos e dizer que foi muito fácil capturar o irmão mais novo, colocá-lo sobre um cavalo e levá-lo para Roccasecca.

O famoso episódio não lembra apenas os costumes da época como também ilustra pitorescamente a nossa proposta e esclarece um aspecto da futura doutrina de nosso autor. Muitos anos mais tarde, quando tratou dos diversos obstáculos que surgem no caminho dos jovens que abraçam a vida religiosa, Tomás cita uma passagem de São Jerônimo que menciona a importância da família e do afeto dos mais próximos, a começar pelo pai e pela mãe. Os grandes inimigos do jovem converso são os mais próximos. Com ênfase, São Jerônimo descreve as lágrimas e exortações dos pais, chegando até a garantir: se teu pai obstrui teu caminho e te impede de passar, não hesita em pisar nele. Tomás, que não hesitou em reproduzir essa frase chocante, ainda veio a acrescentar: *assim como na tua mãe*. Considerando o famoso episódio, é difícil não notar aqui um tipo de confiança pessoal involuntária.

De todo modo, isso não quer dizer que Tomás tenha sido maltratado em Roccasecca. Ele não foi colocado numa masmorra. Em termos atuais, esteve, no máximo, em prisão domiciliar. E, mesmo que toda a sua família tentasse, em vão, fazê-lo mudar de ideia, ele tinha liberdade para ir e vir – desde que dentro dos limites da propriedade familiar –, bem como para receber visitas, particularmente das irmãs e, surpreendentemente, dos

dominicanos de Nápoles, que lhe trouxeram um novo hábito a fim de substituir o que havia sido rasgado enquanto resistia ao seu rapto. Em suma, Tomás poderia ocupar seu tempo como quisesse. De acordo com seu primeiro biógrafo, ele aproveitou para rezar, ler (ou melhor, reler) toda a Bíblia e estudar, desde aquela época, as *Sentenças* de Pedro Lombardo, das quais ele viria a ser um comentador emérito.

Essa situação durou mais ou menos um ano. Depois, vendo que nada poderia demover Tomás, a família consentiu em devolvê-lo ao convento de Nápoles. A mudança das circunstâncias políticas parece ter sido decisiva para isso: em 17 de julho de 1245, no Concílio de Lyon, o Papa Inocência IV depusera o imperador Frederico II. Com essa alteração na relação de forças, é provável que a família tenha julgado útil voltar a travar boa relação com o papa, e Tomás foi o primeiro beneficiado da decisão. Assim, no outono de 1245, foi enviado a Nápoles, para onde se encaminhava antes do rapto. Contudo, não ficou lá por muito tempo; logo partiu para Roma e, depois, para Paris, onde juntou-se ao Superior da Ordem: João, o Teutônico, que estava na cidade para presidir o capítulo geral, que ocorreu no Pentecostes de 1246. Tomás poderia terminar seus estudos ali.

Essa primeira parte de sua vida pede uma reflexão. Primeiro, deve-se notar que Tomás não culpou a família por ter atrasado o cumprimento de seu desejo. Isso pode soar paradoxal, mas, como ele era um homem feudal (inúmeros detalhes o revelam), permaneceu sempre ligado à sua comunidade e ao seu clã. São muitos os testemunhos de que, até o fim da vida, manteve a melhor das relações com a família.

No entanto, é mais importante voltarmos a dois pontos que se destacam muito neste período.

Depois de tomarmos ciência do vínculo entre religião e política na família de Aquino, bem como dos reveses das alianças que seus familiares faziam, temos todos os motivos do mundo para acreditar que Tomás teve tempo suficiente para refletir sobre essa experiência e tirar alguma lição dela. Num de seus textos mais famosos, que fala da relação entre o poder eclesiástico e o poder secular, ele traça uma distinção clara entre o domínio do poder temporal e o do poder espiritual:

O poder espiritual e o poder secular, ambos derivam do poder divino; portanto, o poder secular subordina-se ao poder espiritual na medida em que foi submetido a ele por Deus no que diz respeito à salvação das almas; neste âmbito, é melhor obedecer ao poder espiritual do que ao poder secular. Porém, quando se trata de bem político, é melhor obedecer ao poder secular do que ao espiritual, segundo o que se diz em Mateus 22, 21: «Dai a César o que é de César».

O texto não termina aí, tampouco o pensamento de Tomás sobre o assunto. Mas o que podemos extrair do excerto é que Tomás é o único de sua época a falar desta maneira. Diferentemente de seus contemporâneos, como São Boaventura ou mesmo Santo Alberto, ainda prisioneiros da equivalência entre *Ecclēsia* e *christianistas* (sendo Igreja e cristandade a mesma realidade) herdada da Alta Idade Média, responsável por trazer uma tensão permanente entre o hierocratismo (superioridade da religião) e o cesaropapismo (hegemonia do poder secular),

Tomás tinha uma visão claramente dualista das relações entre Igreja e sociedade civil – e ele jamais mudou neste ponto. Se essa doutrina tivesse sido acolhida já naquela época, poderia ter evitado muitas dificuldades para a família de Aquino.

O segundo ponto a ser considerado surge da obstinação com que o jovem Tomás perseverou em sua escolha pela Ordem Dominicana. A opção pela vida beneditina, na qual ele havia passado os primeiros anos de sua vida e que lhe havia marcado profundamente, não teria sido ruim. Por que, então, em vez das poderosas organizações religiosas que vicejavam incontestavelmente havia tanto tempo, preferiu uma ordem recém-fundada (1221), pouco conhecida, pobre, desprezada, e que não despertava nenhum interesse na sua família?

Sobre isto, só podemos fazer suposições. Algumas delas, no entanto, parecem óbvias. Tomás deve ter percebido rapidamente que sua inclinação aos estudos e seu papel na pregação do Evangelho eram mais compatíveis com os dominicanos do que com os beneditinos. Certamente havia muitos eruditos na ordem de São Bento, e Monte Cassino ostentava uma biblioteca magnífica que Tomás continuou a utilizar; no entanto, de acordo com a teoria que ele viria a desenvolver na maturidade, se é muito bom contemplar as verdades divinas, ainda melhor é contemplá-las e transmiti-las por meio das palavras.

Além disso, havia também outro fator a motivar sua escolha e seu desejo de uma vida pobre. Como disse de forma admirável Marie-Dominique Chenu, «a recusa de Monte Cassino é, em Tomás de Aquino, a réplica exata do gesto de São Francisco» de se despojar de suas



valiosas roupas no meio da praça em Assis. O ensinamento que Tomás desenvolveria mais tarde não deixa dúvidas quanto ao seu pensamento. Durante a briga entre seus irmãos mendicantes e os mestres seculares ricos da Universidade de Paris, Tomás se revela um verdadeiro místico da pobreza:

De todas as coisas que Cristo fez ou sofreu na sua vida mortal, a venerável cruz é, de modo especial, o exemplo que os cristãos devem imitar [...]. Ora, entre as características distintivas da cruz destaca-se uma pobreza absoluta; podemos vê-la externamente no fato de ter ele sido reduzido à nudez corporal [...]. É esta nudez da cruz que buscam aqueles que escolhem a pobreza voluntária [...]. Claro está, portanto, que os inimigos da pobreza são também os «inimigos da cruz de Cristo» (Fl 3, 18).

Acostumamo-nos a saudar Tomás de Aquino como grande filósofo e teólogo exímio. E, como veremos, isso de fato é verdade. Contudo, no início ele não teve outra ambição senão ser um religioso que vivia o ideal de pobreza dos frades pregadores. É verdade que nem sempre seus discípulos o seguiram neste ponto, mas ele permaneceu fiel à escolha que fizera na juventude. Foi assim que se tornou «São Tomás».

### **Em Paris (1245-6 a 1248) e Colônia (1248 a 1251-2)**

Segundo Guilherme de Tocco, primeiro biógrafo de Tomás, o Mestre da Ordem «acolheu Tomás em Roma

como um filho muito querido de Cristo, enviando-o primeiro a Paris e depois a Colônia», a fim de que estudasse sob a orientação de Alberto Magno. De imediato surge uma questão: por que Tomás foi enviado a Paris e não a outra cidade? Caso se tratasse de apenas tirá-lo de Nápoles, existiam soluções mais baratas. Além disso, a seleção dos frades dignos de estudar em Paris era muito rigorosa. Portanto, resta somente uma explicação plausível: é preciso admitir que seus dotes intelectuais logo foram percebidos, fazendo com que aquele jovem irmão vindo de uma província distante fosse enviado imediatamente para a capital teológica da cristandade. Eis algo que é importante enfatizar.

Se em Bolonha o direito reinava, a teologia era rainha em Paris, onde os dominicanos ocupavam lugar de destaque. Fundada em 1217 como casa de estudos para os frades pregadores que vinham estudar ali, o primeiro convento dominicano foi estabelecido na rua Saint-Jacques em 1218 e rapidamente se tornou lugar privilegiado para o «acesso à Universidade».

Em 1229, o frade Rolando de Cremona começou a lecionar como mestre-regente. Logo foi seguido por João de Saint-Gilles, mestre secular inglês que vestiu o hábito dominicano em setembro de 1230. Como já era mestre-regente, conservou sua cátedra e seu método de ensino. Pouco depois, ambos foram substituídos por Hugo de Saint-Cher e por Guerrico de Saint-Quentin. O primeiro ganhou notoriedade pelos trabalhos bíblicos que realizou à frente de uma equipe de frades – a revisão da Bíblia e o agrupamento de referências paralelas a partir de passagens análogas) antes de se tornar cardeal. O segundo ocupou a cátedra de 1233 até sua morte,

em 1242. Contemporâneo do mestre franciscano Alexandre de Hales, inventou com ele o gênero literário do *quodlibet* (tipo de exercício universitário que veremos em breve). Seu sucessor foi Alberto Magno, que veio a ser mestre de Tomás. Havia ali um ambiente enriquecido com uma longa tradição intelectual, com uma excelente biblioteca e com alunos cuidadosamente selecionados – tudo sob a direção de um mestre de renome.

De acordo com os dados de que dispomos, é possível situar a chegada de Tomás a Paris entre o final de 1245 e o período que precede o Pentecostes de 1246. Em Paris ele permaneceu durante 1246, 1247 e a primeira parte de 1248, ou seja, durante três anos letivos. Não se exclui a possibilidade de que o primeiro tenha sido o ano do noviciado de Tomás, uma vez que não tinha conseguido fazê-lo desde que vestira o hábito em 1244; todavia, não temos certeza. Naquela época, o noviciado não tinha duração certa: podia ser reduzido a seis meses e, muitas vezes, até ignorado, dado que aos noviços era possível fazer uma profissão tão logo vestissem o hábito.

Quanto aos dois anos que se seguiram, também não sabemos nada em especial. Tomás pode ter estudado filosofia (à época, conhecida como faculdade de artes) para completar a formação iniciada em Nápoles dos catorze aos dezoito anos. Inúmeras evidências em suas obras darão testemunho de um bom conhecimento da situação do ensino filosófico na Paris da época. Entretanto, é mais ou menos certo que tenha prosseguido simultaneamente com o aprendizado de teologia nas aulas de Alberto Magno, de quem se tornara assistente. Foi com ele que mais tarde, em 1248, seguiu para Colônia.

Essa era uma missão que estava de acordo com a opção que orientara a escolha do jovem irmão dominicano de estudar em Paris. Alberto fora enviado a Colônia por decisão do capítulo geral da Ordem, ocorrido no Pentecostes do mesmo ano. Assim como em Paris, já havia um convento dominicano em Colônia desde 1221-2, e o capítulo havia confiado a Alberto a tarefa de criar um novo *studium generale*, uma casa de estudos de nível superior aberta para todos, e não apenas para os frades dominicanos. Tomás deveria auxiliá-lo nesta atividade. Então, partiram ambos tão logo as aulas terminaram em Paris, pouco depois do dia 29 de junho. Já estavam em Colônia quando da Festa da Assunção, e é muito provável que Tomás tenha testemunhado, naquele dia, o lançamento da pedra fundamental da catedral. Numa de suas obras, Alberto fala sobre os trabalhos de terraplanagem executados na ocasião e que trouxeram à tona magníficos mosaicos antigos.

Fora alguns relatos curiosos e mais ou menos fantasiosos, sabemos muito pouco sobre como Tomás ocupou seu tempo durante a estadia em Colônia. É bem provável que essa tenha sido a época de sua ordenação sacerdotal, mas também sobre isso não temos detalhes. Seu papel como assistente de Alberto, bem como as inúmeras tarefas de auxílio aos alunos, dificilmente deixariam rastros. Por outro lado pode-se encontrar, em sua obra posterior, indícios da grande influência que Alberto exerceu sobre ele. Durante esses quatro anos, entre seus 23 e 27 anos de idade, Tomás pôde absorver profundamente o pensamento de Alberto, uma vez que passava tempo considerável organizando, em vista da publicação, as notas de seu curso sobre a *Hierarquia*

*celeste*; sobre os *Nomes divinos* – numa adaptação cristã das doutrinas do neoplatonismo de Proclo (412-485), a quem todos chamavam de Dionísio (que se confundia com Dionísio, o Areopagita, convertido por São Paulo em Atenas); e sobre a *Ética à Nicômaco* de Aristóteles. Trabalhador zeloso, ele chegou a fichar o comentário à *Ética*, o que deu origem à *Tabula libri Ethicorum*. Esse trabalho pouco conhecido se apresenta como um léxico cujas definições vêm seguidas de citações quase literais de Alberto. René-Antoine Gauthier sugere que Tomás teria se dedicado a essa produção no momento em que compunha a Parte II da *Suma* (em 1271). Talvez tenha deixado o trabalho incompleto porque sua maturidade (logo, afinal, iniciaria seu próprio comentário à *Ética*) já lhe permitia notar imperfeições na obra do velho mestre.

Essa estadia em Colônia marca o fim do período de formação de Tomás. Seguindo um plano que se havia tornado assaz importante para ele, seu dever consistia em transmitir aos outros o conhecimento que recebera. Para isso, seria necessário regressar a Paris.